

FRED MELO PAIVA



A quadra 13 do Tarumã

Jonathan dos Santos Alves se perdeu na Floresta Amazônica em maio deste ano. Morava com a família em um sítio que se emburaca 47 km mata adentro, a partir da BR-174. Os bombeiros desistiram do Jonathan em uma semana. O Exército não quis ajudar. Então o Edilson, um semi-analfabeto de 41 anos que vinha a ser o pai do Jonathan, montou sua equipe de resgate – enfim um exército, embora de Brancaléone. Usando óleo diesel no corpo como repelente de insetos, ele empreendeu uma busca épica pelo filho. Encontrou-o no 49º

dia. Aos 18 anos, Jonathan morreu segundos depois de ter sido localizado. O **Estado** publicou duas reportagens sobre o caso. A família abandonou o sítio e foi morar na cidade. Mantém-se com um benefício pago pelo INSS à filha que tem síndrome de down – e também da caridade de leitores deste jornal.

Edilson tinha um irmão chamado Maurício da Silva Santos, de 36 anos. Ao contrário do outro, o Maurício era um sujeito urbano, apreciador de hip-hop, um motoboy que só andava no corredor. O Maurício era Flamengo e Caprichoso, o boi-bumbá adversário do Ga-

rantido na festa de Parintins. Era também o melhor amigo do Edilson e tipo um irmão mais velho do Jonathan. Solteiro, gostava de apresentar ao sobrinho umas baladas em Manaus. O Jonathan aproveitava para fumar cigarro – Carlton ou Derby, dependendo do quão durango se encontrasse na ocasião. A Socorro se confundia: “Jeová Deus, meu filho está queimando fumo!”

Quando o Jonathan sumiu, Maurício se alistou no diminuto exército de Brancaléone. O grupo pretendia primeiro percorrer um igarapé na precária canoa em que fizeram lá uma

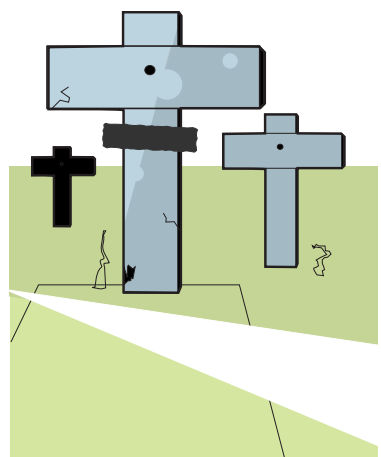


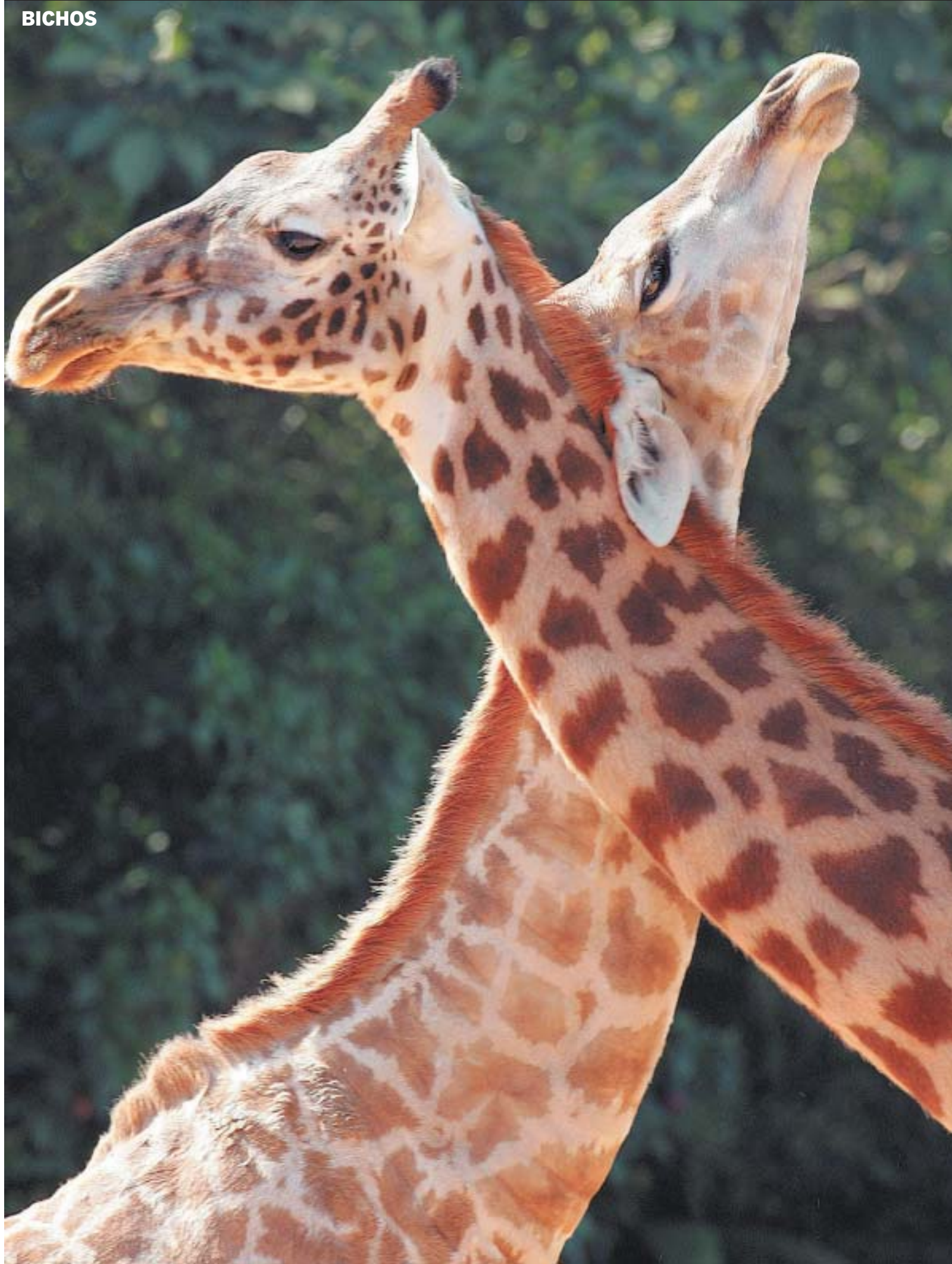
ILUSTRAÇÃO: GIDO GONCALVES

gambiarra, adaptando um motor. Mas, à medida que a esquadra avançava, raízes e troncos

apareciam sobre a superfície, misturando-se aos cipós que vinham de cima. Durante três dias, pelejaram com essa verdadeira união do vegetal. Por fim viram-se numa canoa furada quando um dos homens acertou com o terçado umas caixas de marimbondo. Em terra firme, no caso um pântano, o Edilson mirou um macaco. O tiro acertou no pescoço. Os índios esquarteraram o animal, assaram a carne na brasa e deixaram a cabeça cozinhando na lenha. Mais tarde abriram o crânio e misturaram os miolos na farinha. O Maurício achou aquilo uma nojeira.

Trinta dias depois, Jonathan foi enterrado na quadra 13 do cemitério do Tarumã, em Manaus, onde a cova é apenas um buraco na terra e uma cruz azul identifica o morto. Na cruz do Jonathan, erraram o seu nome: escreveram Jonatha. O Maurício voltou a trabalhar com mototáxi. Uma noite, três adolescentes quiseram roubar sua Honda 150. Maurício foi esfaqueado nas costas. O resgate que vinha não veio e ele demorou para chegar ao hospital. O Maurício achava que selva era coisa do interior da floresta. Agora ele está lá, do lado do Jonatha, na quadra 13 do Tarumã. ●

BICHOS



● **Campeã de perguntas:** Girafa também tem torcicolo? Deita para dormir? São duas das curiosidades mais comuns entre a criançada



● **Mundo aquático:** Qual a diferença entre jacaré (foto) e crocodilo? E entre um cágado (foto), uma tartaruga e um jabuti?



● **Esquisitões marítimos:** Foca ou leão-marinho? Acertou – merece um peixinho – quem escolheu a segunda opção



● **Na terra firme:** Diferentemente das tartarugas e dos cágados, lugar de jabuti é no seco; sua carapaça é mais arredondada



● **Eles carregam as diferenças nas costas:** O dromedário tem apenas uma corcova; o camelo (foto), duas

Edison Veiga

Elefante bebe água pela tromba? Crocodilo tem lágrimas? Uma sucuri pode mesmo engolir um boi? Não é só para os bichos que o biólogo Guilherme Domenichelli tem olhos e ouvidos quando caminha pelo Zoológico. “As perguntas e comentários mais curiosos que ouço das crianças ficam bem marcados”, diz ele, que trabalha no Zôo desde 2001 – começou como estagiário, quando estava no 3º ano da faculdade. As dúvidas mais curiosas serão respondidas no livro *Girafa Tem Torcicolo?*, que deve ser lançado no mês que vem pela Panda Books.

Domenichelli cultivava desde pequeno o hábito de compilar informações instigantes do mundo animal. Aos 9 anos, adorava passear no sítio do avô, em São João da Boa Vista, onde passava horas observando a natureza. Depois, pesquisava sobre a vida dos animais em livros e anotava num caderninho. “Tudo que eu sabia, colocava lá. Tenho-o guardado até hoje”. O livro, de certa forma, é uma ver-

Uma leitura do zôo

O biólogo Guilherme Domenichelli antecipa informações que serão publicadas em livro

são bem-acabada desse seu caderno – com a diferença de que agora quem escreve é um biólogo do Zôo, e não um menininho curioso.

Bastante comunicativo, desde agosto Domenichelli apresenta o programa *Passeio Animal*, quadros de 5 minutos distribuídos ao longo da programação da TV Rá-Tim-Bum. A experiência tem lhe

rendido uma certa fama entre a criançada. É comum que ele seja reconhecido como “o tio da televisão”, quando circula pelo Zôo. E, óbvio, acaba virando alvo de novas inquietantes perguntas.

Por que urubus não têm penas na cabeça? “Não é doença, como muitos pensam”, explica. “Trata-se de uma adaptação. Como come

carniça, se ele tivesse penas, se sujaria todo. E não teria como se limpar, atraindo moscas.” As girafas deitam para dormir? “Nunca. Dormem em pé. No máximo, dobram as pernas e se apóiam sobre elas. Cabeça encostada no chão é sinal de que está doente.” Qual a diferença entre cágado, tartaruga e jabuti? “Todos são répteis quelô-

nios. Mas a tartaruga, em geral, vive no mar; os cágados em água doce; e os jabutis são terrestres.”

Nos fins de semana, é comum que aceite convites de amigos e familiares para passear – adivinhe! – no Zoológico. “Não tem jeito. Acabo virando o monitor da turma”, resigna-se, bem-humorado. E dá-lhe perguntinhas.

Por que cobras e boa parte dos lagartos mostram a língua? Não é sinal de má-educação. “São animais que sentem o cheiro pela língua. Captam o odor do ambiente e levam para um órgão no céu da boca”, afirma. Qual a diferença entre camelo e dromedário? Essa é fácil. “A principal é o número de corcovas. Camelo tem duas; dromedário, uma.” E entre crocodilo e jacaré? “Os primeiros têm focinho longo e estreito. Nos jacarés, o focinho é curto e arredondado.” Foca ou leão-marinho? “A principal diferença é que, fora da água, a foca não consegue se apoiar nas nadadeiras dianteiras e, ao contrário do leão-marinho, anda se arrastando.”

Animado com a estréia no mundo dos livros, Domenichelli já

prevê novos títulos sobre o mesmo tema. “Tenho me preocupado em anotar mais os comentários que ouço”, revela ele, que mantém em sua casa, em Santo André, um rottweiler, 12 periquitos australianos, 13 tartarugas e 3 jabutis.

E, para ninguém reclamar de pergunta sem resposta: 1) A tromba do elefante é um prolongamento do nariz. Pode sugar até 8 litros de água – que depois será esguichada na boca ou no corpo; 2) Quando mastigam, crocodilos e jacarés pressionam as glândulas lacrimais; por isso o “choro falso”; 3) Sucuris realmente expandem muito o maxilar, mas não o suficiente para engolir um boi – no máximo, um bezerro.

E o torcicolo das girafas? “Em cativeiro, acontece. Quando sedamos uma para fazer algum exame, é necessário acomodar o pescoço direitinho. Senão, vai ficar dolorido quando ela acordar.” ●

